

O Brasil pegou carona, nos últimos anos, no chamado bloco dos Brics — também integrado por Rússia, Índia e China. A sigla ganhou popularidade em 2003, quando o banco americano de investimentos Goldman Sachs, que enxerga nesses países o pelotão de frente dos emergentes, projetou um desempenho espetacular do grupo até 2050. Investir nos Brics seria participar da grande e sólida fronteira de expansão da economia global.

Recentemente surgiu outro termo que ameaça o brilho dos Brics: Chindia, marca de um fundo gerenciado pela consultoria de investimentos Ashburton. Como sugere o rótulo, o futuro estaria reservado para a China e a Índia. Brasil e Rússia seriam coadjuvantes. Pesa na opção pelos asiáticos o tamanho do mercado consumidor, fator decisivo para o retorno dos investimentos nesse fundo.

Nos próximos 15 anos, os dois países chegariam à condição de segunda força econômica mundial, com PIB de US\$ 16 trilhões e consumo de 25% da energia do planeta. Quem aposta na Chindia levou um susto com a queda recorde nas bolsas em fevereiro deste ano, devido à mudança de humor quanto à economia chinesa. Mas não foi suficiente para abalar a crença no

futuro dos gigantescos mercados internos da China e da Índia.

Bric versus Chindia é, atualmente, o jogo que mais chama a atenção quando o mundo dos negócios exercita a futurologia da competição global. Tanto no cenário traçado a partir dos dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) como no índice da Economia do Conhecimento, desenhado pelo Banco Mundial, acreditar nos Brics faz sentido.

Os fatores valorizados por ambas as instituições dizem respeito a crescimento, infra-estrutura, educação, saúde, tecnologia e inovação. Nos quatro países há boas chances de prosperarem arranjos produtivos regionais. Todos apostam, em graus variados, na vocação de operar como plataformas comerciais e infra-estruturas estratégicas para os mercados de consumo globais, tanto para atender às suas empresas globalizadas, cujas matrizes estão nos Estados Unidos, Europa e Japão, quanto para apoiar as multinacionais locais na conquista de mercados externos. O Brasil é o único membro do “quadrado mágico” que está fora do clube nuclear e é retardatário no setor aeroespacial. Mesmo sem uma guarda industrial-militar de peso, o desempenho do Brasil no índice da Economia do Conhecimento é notável e promissor. Engenheiros e outros pro- »

1 BRIC É A SIGLA CRIADA PELO BANCO AMERICANO DE INVESTIMENTOS GOLDMAN SACHS PARA BRASIL, RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA, PAÍSES COM AS ECONOMIAS EMERGENTES MAIS PROMISSORAS

2 RECENTEMENTE SURTIU OUTRO TERMO QUE AMEAÇA O BRILHO DOS BRICS. É CHÍNDIA, MARCA DE UM FUNDO GERENCIADO PELA CONSULTORIA DE INVESTIMENTOS ASHBURTON. COMO SUGERE O RÓTULO, O FUTURO ESTARIA RESERVADO PARA A CHINA E A ÍNDIA

3 A ESTIMATIVA É DE QUE, NOS PRÓXIMOS 15 ANOS, CHINA E ÍNDIA CHEGARIAM À SEGUNDA FORÇA ECONÔMICA MUNDIAL, COM PIB DE US\$16 TRILHÕES E CONSUMO DE 25% DA ENERGIA DO PLANETA

4 BRIC VERSUS CHÍNDIA É O JOGO QUE MAIS CHAMA A ATENÇÃO EM RELAÇÃO À COMPETIÇÃO GLOBAL

5 QUEM VAI DAR AS CARTAS NO FUTURO: BRIC OU CHÍNDIA? ATÉ O GOLDMAN SACHS, QUE CUNHOU O TERMO BRIC, REFEZ OS CÁLCULOS E DIZ QUE A ÍNDIA SURPREENDEU PARA MELHOR

6 A CHINA ENFRENTA RISCOS TANTO DE EXCESSO DE INVESTIMENTO (E DE CAPACIDADE PRODUTIVA) QUANTO DE ESPECULAÇÃO (BOLHA FINANCEIRA)

7 CHINA E ÍNDIA PRECISAM RESOLVER PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL

8 BOA PARTE DA ÍNDIA É ANALFABETA (APENAS 59,5% DOS INDIANOS ACIMA DE 15 ANOS SÃO CAPAZES DE LER E ESCREVER). O MAIOR DESAFIO DO GOVERNO INDIANO É A INCLUSÃO SOCIAL E DIMINUIR O NÚMERO DE MISERÁVEIS

9 JÁ NA CHINA, O MAIOR PROBLEMA É EM RELAÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS E À CENSURA INSTAURADA PELO PARTIDO COMUNISTA (PC), QUE EXERCE PODER ABSOLUTO NO PAÍS

10 O PROGRESSO ECONÔMICO DA CHINA E DA ÍNDIA VEIO ACOMPANHADO DE ESTRAGOS AMBIENTAIS. A CHINA JÁ É O SEGUNDO PAÍS QUE MAIS JOGA GASES POLUENTES NA ATMOSFERA. A ÍNDIA ESTÁ EM QUINTO LUGAR

RAIO-X DOS EMERGENTES

CHINA

População: 1.313.973.713 (julho/2006)

Expectativa de vida ao nascer:

72,58 anos (2006)

Mortalidade infantil: Total: 23,12 mortes para cada 1000 nascimentos (2006)

Analfabetismo: 90,9% da população

Crescimento econômico: 10,20% (2006)

ÍNDIA

População: 1.095.351.995 (julho/2006)

Expectativa de vida ao nascer:

64,71 anos (2006)

Mortalidade infantil: (2006) Total: 54.63 mortes para 1000 nascimentos

Analfabetismo: 59,5% da população

Crescimento econômico: 8,40% (2006)